Enterrei sob as Raízes da Árvore

[Illustratio 0]

Versão: V1 R04 06 janeiro 2023 revisão, editorial EDT55.

Enterrei sob as Raízes da Árvore

"Só pode dizer que ama
formiga que carrega
sozinha esta folha
mil vezes mais que seu peso"

-

"o que sobrou das milhares de pétalas
das flores búlgaras orvalhadas
mordidas da sua boca
cada uma com um teor
gotejado de uma retorta"

-

"BeijoTe sussurros de concha acústica
Pés de borboleta
Sou farfalhar de voo macio
Planta aos pés do ouvido um arrepio"

MARA ROMARO

Gratidão sublime

à Natureza

e toda sua exuberância da criação do mestre do universo pelas

Árvores

Flores

Elementos e

Patrimônios Universais da Natureza

ao Amor puro profundo e perene por

minha Amiga

meu Esposo

minha mãe Myriam

Meu irmão

ao Pensamento

à Loucura

à Verdade

à Liberdade

à Consciência

à Leitura e

à Arte

ao sentido invertido, intuído, percebido.

Posfácio

Ah meu amor pelas árvores, pelos rios e mares, pelo ser.

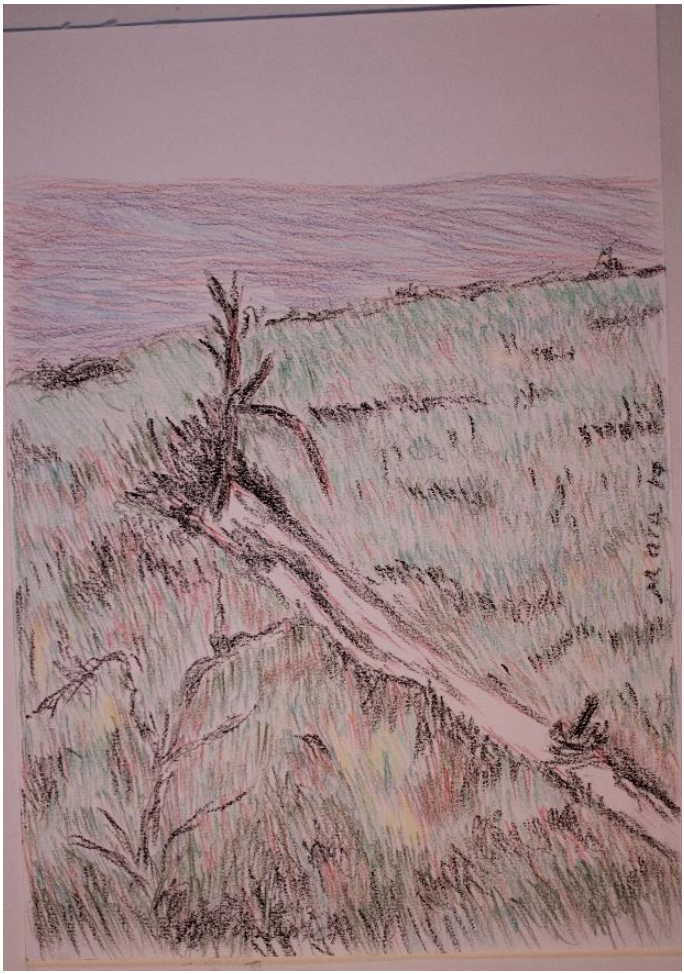
Das coisas inexatas, dos guardados aveludados no mais secreto coração da floresta, do meu eu mais aturdido e observador como um ponto focal, entre dias e andanças na beira do lago, vivendo a poesia como nutriente da vida e da cura, entre luzes contemplativas da verdade pura e da criança mais ingênua. Eu vivia esses dias como se tudo pudesse ser.

Muitos passeios para caminhar, respirar, olhar, sentir o vento, o tremular das águas, com caderno, caneta, lápis, cores e fumaça, com o entremeio de ações que me fizessem fortalecida, na contemplação profunda da vida.

Eram esses dias, com uma esperança incutida por cada passo, no redor do Lago do Major, em pinceladas de aquarela atenuada, entre as estações, entre os minutos mais adorados da hora matinal, experimentando pequenos gostos, pequenos momentos e prazeres que não antes fazia. Desde a corrida até o desenho do rosto sépia. Foram dias e dias retomando os pincéis da minha alma.

Então, pelas ruas da minha cidade, eu queria enterrar na raiz a raiz de tudo sobre o sentido e o sentimento do meu coração, como plantio, como fecundação.

13 Janeiro 2022



[ILLUSTRATIO 1]

Sumário

Gratidão sublime 3
Mogno Rio Negro e Solimões 8
Fugaz espanto 11
Dunas de Fogo 12
Vesúvio 15
Eu plantaria Lótus de cristal 16
Flor-de-lótus 18
Ilha do lago 20
Partículas 21
A Rosa 24
Loucura 26
Magma 27
Abat-jour de folhas secas 30
Língua dos Golfinhos 32
Myriam 34
Nada Nada 35
Amor absoluto 38
Refloresta 44
Asas de Borboleta 46
Chão de tinta 49
Estalagmites Estalactites - Amor da minha boca 52
Mãos que atravessam espelhos de distâncias 56
Bálsamo 58
Folha de rosto 61
Flamingo Flamenco 63
Lentes objetivas 69
Beijeme 71
Impossível 73

Girassóis Prússia 76
Senso incomum do ângulo 77
Antigo orvalho que não goteja mais de teu lábio 80
Ausência Abissal 85
Coração Quartzo Rosa 89
Ninho de Sanhaço 90
Retiro das Fontes 95
Sonho de beijo 97
Vitrais de Borboleta 100
Belvedere 101
Erosão da água 102
Só ilusão pode dizer 103
BeijoTe 105
Angostura 111
Amor utópico 113
Flores caídas 115
Tocar da Fragrância Ametista 117
Estrela das Águas 125
Considerações Finais 128
Illustratio 130
ILUSTRAÇÕES CAPITULARES 130
Editorial 132

Mogno Rio Negro e Solimões

|06 Fevereiro 2017 - Ao mogno da Amazônia

|Músicas: Mombasa – Hans Zimmer | Cantata nro 16 – Chad Lawson| Autumm moon on a calm lake – Lang Lang | Meire Welt – Heppner | Orchestral Suite nro 3 in D major – Lang Lang.

Centenas de anos
Mãos que morriam
agarraram a terra
Metacarpo gerou seus rebentos
Árvore híbrida
dialética
Espíritos monozigóticos
Presos às suas costas
Antônimos de igualdades
Florescem em branco e preto
Noite e dia
As chuvas fluíram
A tempestade se formou

Árvore se partiu
Aos ventos se curvou
Dos seus pés no chão
restaram rebentos

Tufão arrancou as folhas
A vida sangrou

O estrondo não era trovão
Foi a enorme árvore
Que se deitou no chão

Suas madeiras
liquefeitas
Uma trazia cálcio e magnésio
do dia
Outro lado corroía
Húlmicos
Fúlvicos
Carrega sempre contido
em si
O oposto inorgânico
alma anima
Veste-se de ocre
em uma comunhão
de inconsciente e consciente

Os rios que encontram
um caminho silencioso
imersos cada qual
em sua força oposta
imiscível
insensata
Flui ao mesmo céu
na foz se faz
ruidosas mãos
que se agitam ao infinito

gritando as espumas acima
suas dores e ilusões
os amores e decepções
o impulsivo e suas razões
o impossível em suas mãos
Do fluir do coração
negro e branco
castanho ou ocre
Surge em céu
de marajoaras cores
da cerâmica
moldada de todos esses nãos

MOGNO RIO NEGRO E SOLIMÕES – VERSO DA FOLHA

ESPÍRITOS UNIDOS EM ANTAGONISMO, *INSEPARADOS*, CONTRAFEITOS NOS SENTIMENTOS QUE CARREGAM NO MISTÉRIO IMPOSSÍVEL, SILÊNCIO E BARULHO, TUDO OU NADA, SIM E NÃO.

PENSEI ONTEM/ANTEONTEM LEMBRANDO QUE NO LIVRO DA NOITE CITO O RELÂMPAGO COMO SE FOSSE RIO E AFLUENTES (AMPHITHEATRUM SILVESTRI), NESTE CASO, MOGNO É ÁRVORE DE DUAS EXISTÊNCIAS ANTAGÔNICAS MOGNO-DO-PERU E MOGNO-DA-AUSTRÁLIA (ESCURO – ÉBANO).

DESTE TRONCO BICOLOR, AO CAIR NO SOLO SÃO OS RIOS SOLIMÕES E NEGRO, UM DE COMPOSIÇÃO BÁSICA E O OUTRO ÁCIDA, UM BRANCO E O OUTRO NEGRO, E DA ORIGEM BRANCA DO CÁLCIO E MAGNÉSIO AGREGA A LAMA SE TORNANDO OCRE. SÃO DE DENSIDADES DIFERENTES, POR ISSO EM SUA CONFLUÊNCIA QUE ORIGINA O AMAZONAS, NÃO SE MISTURAM POR 10 KM.

A FOZ, O DESAGUE É DIANTE DA ILHA DE MARAJÓ (FAMOSA POR SUAS CERÂMICAS DE ADORNOS COLORIDOS ÚNICOS).

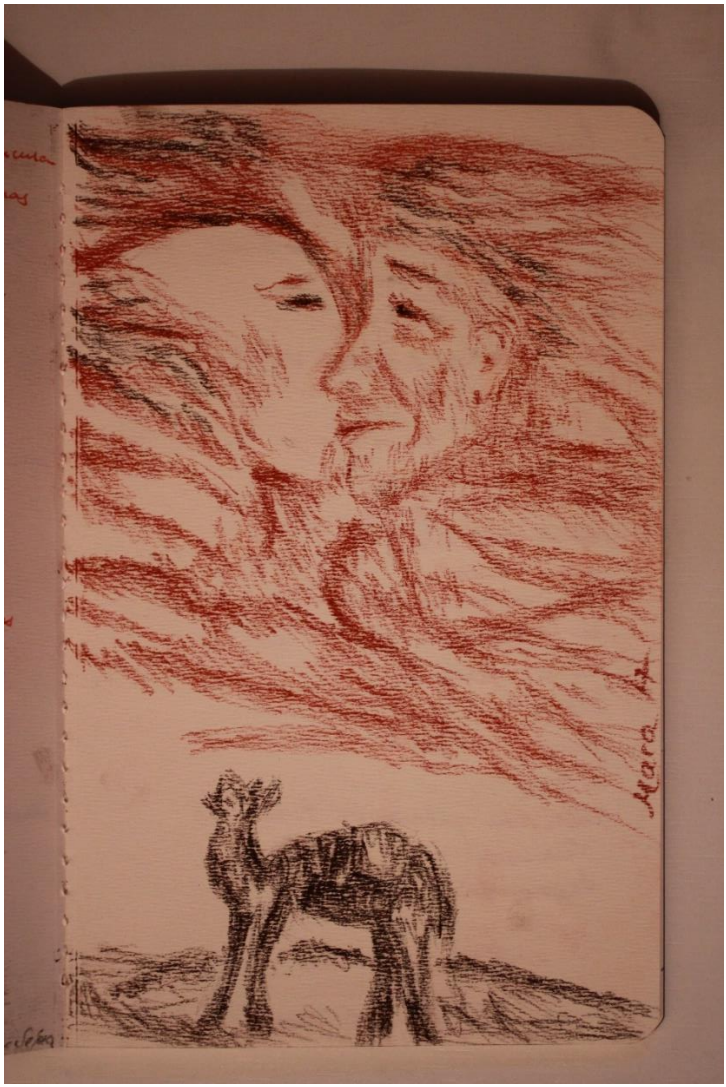
Fugaz espanto

| 19 Maio 2017 11:54 - Texto relembrado e reconstruído

Abri as mãos
Pousou no escudo
uma luz verde
Emocionou meu escuro
Luminescência permanente
Seu etéreo abraça-me
através das minhas
vazias mãos
Guia passos cegos
Respiração de apreço
Girar de braços pelo espaço
Passos de dança
às três da madrugada
Esperança na espera da hora perfeita
Lamparina verde
Luz da noite sussurra um canto
Procuro os piados da coruja no espaço
Perguntas me ferem
Esbarro em queixas
Sinto a calma e a paixão
na luz verde
Pirilampo

Dunas de Fogo

|03 MAIO 2017 20:30H



[ILLUSTRATIO 3]

Banhava-se em jade líquida
remansa
Luz alva esmeralda
Que lhe ofertava pérolas espumantes
Cama de fina areia
de mãos elegantes
Era feroz errante
Caravana seu corpo de dunas
Desenhado de sombras morenas
Percorria jazidas de sol
Devorava sua luz para alimentar
escorpiões dourados
Seu andar guardava o ataque do leão
O atracar do acasalamento
Engalfinhar de lobos famintos
Seu farejar tácito
Rastejar de naja
A sedução do bico da águia
O tremular de sua pele de areia
era flamejar da chama
O calor irradiado derretia sua loucura
Olhar que derramava em ânforas
Seu sumidouro clamava
o devorar de um ser inteiro
Em um oásis de prata
banhado de poeira de lua
Saciava sua nua
Aflorava garras afiadas
mutuamente enterradas
Presa em mandíbula
rolando pelos mapas de mistérios
dos desertos

Paixão tórrida
Selvagem
Sedenta de ares
Sedenta de mares
Faminta de amores
Mordida de jaguares

Vesúvio

|08 MAIO 2017 17:46 | MÚSICA: GOLDENE ZEITEN – UNHEILIG

Vesúvio vira gargalo de groselha
Lava o fogo
Lava apaga
Cinzas e sombras das pestanas
Morde a carne, sangra
Verte pelo meio da boca
pelo vértice do lábio inferior
Fenece
estremece
a mordida do flamejar
Língua do coração de fogo
Labareda de lava
Dos olhos Vesúvio
Dos olhos Distúrbio
De olhar Ventrículo
De amor Versículo

Eu plantaria Lótus de cristal

|31 Maio 2017 11:45 a 13:40

|Reescrituras do poema Eu plantaria flores brancas de 2002.

Eu plantaria Flores cálidas
a tornar alvo teu coração
Caleidoscópios sorriem meu pergaminho
Em ti persistindo eflúvio
Prímulas tomando-a mais branca
Eu amaria ter guardado teu caminho
Cultivando flor-de-lótus se isso flutuasse tua Alma em riachos sem distância

Todos os ventos do ar
São o pranto
do quanto
o amor
Há de estrelar
Em ti

Toda vez que tocar a sépala transparente
Receberá a brisa realeza
Do caminho que o
jasmim-das-nuvens em face à paz
por onde acaricia

Toda vez que sorrir
tocando o carvalho de uma paixão
De uma escultura de flor de cristal
Sente falta o amigo coração de diamante
Um amar é tudo que consigo

Flor-de-lótus

Consigo amar
o coração diamante
amigo sorrir de cristal de uma paixão
acaricia o caminho paz
uma face de jasmim

Realeza em sépala
Há amor por todos
do pranto do ar

Amaria sem distância
tua alma de lótus branca
Tomando-a em meu coração
Eflúvio em flores
flutuasse guardado
em prímulas caleidoscópios
do meu coração

EU PLANTARIA LÓTUS DE CRISTAL E FLOR-DE-LÓTUS-

TEXTO ESTENOGRÁFICO - COMPOSIÇÃO DE BAIXO PARA CIMA, DIREITA PARA ESQUERDA CADA PALAVRA.

UMA LETRA INSERIDA EM CADA VERSO

CHAVES DE ESTENOGRAFIAS QUE DERIVAM O TEXTO FLOR-DE-LÓTUS

I – 1,6,12,10,8

11,28,16,15,24,23,22
32,42,44,35,20,37,24,41
II- 46,38,51
61,62,34,73,65,66,70,69
III- 91,75,74,79,78,84,83,93
95,100,102,105,97,100,111,80
89,100,96,104,65,102,105

Ilha do lago

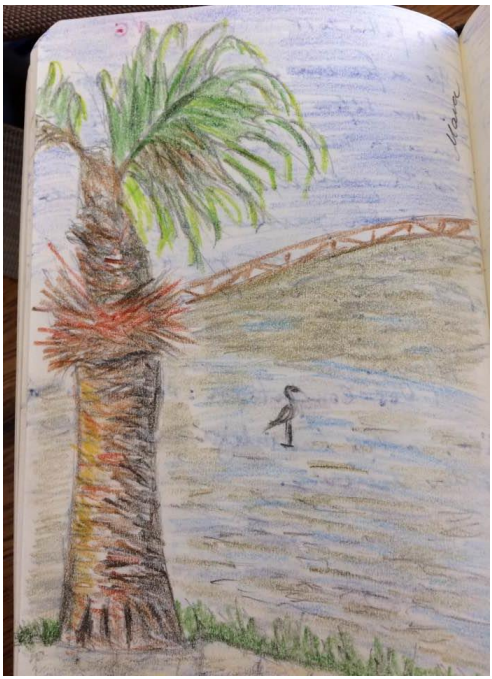
|20 JULHO 2017 | PARA F

Coloco um pouco no que brilha

Reflexo verde e branco azulado

Toco uma
palmeira nesta ilha

não quero
relembrar tudo
que parece
anulado



Marolas trazidas
em brisa

Trazem a mim
tantas coisas

Minha amizade
era para ser verde

era para ser
esmeraldas de
minas

[ILLUSTRATIO 3]

Sua ausência era garça negra

imponente, altiva, asa aberta

Equilibra-se em uma garra

Silencia o silêncio de redemoinho de pedras

Visto casaco de raios

Visto vento de brasa

Avisto as cores não suplantam dores
O ar me está renegado
Sempre me falta você

Partículas

|06 JUNHO 2017 13:07

Das coisas que são possíveis
há a energia das impossíveis
Uma vibração invisível
A penumbra que me vem macia
nas horas da manhã
nas horas do chá
Pela vontade de suas mãos
Acendo uma luz de fogo
Engulo uma prece
Olhos se abstêm do obrigatório
A brisa que é fria eu amorno
com minha exatidão
vou expelindo o ar da solidão
Seguro em amuleto uma ametista
Um lugar mistério de meu novo olhar
Sua transcendência decorreu
A areia permitida escorrega pelos dedos
O tempo não é mais importante

O conhecimento massageia um estranho tocar
todo meu corpo; minha derme se sente presente
Sento-me por entre as coisas que me acalmam
Água corrente lava minhas pedras
O temor foi-se embora
Um chá quente pouco doce
como um âmbar olhar do meu interior
que atravessa o físico e está no seu interior
Pedras mornas em água quente
Sequência dos seus significados
suas vivências
exatamente no meu caminho infinito
minha coluna
Toda energia emanou
em vapores em um voo
que te massageiam
À pequena luz que convirjo meu tema
Recebo consciência
um lago tranquilo e espelhado
Volto meu rosto para cima
Outras pedras para meus sofrimentos
Cada gota que se evapora
mora nesse ar por aí
Dado momento toca seu espírito
Um despertar de sono material
E nessas cores relembro os sons da terra
as vozes das rochas
os ensinamentos que consigo perceber
Não sinto mais perdas

Sinto essa emanação poderosa
certamente para alguns é loucura
O inexplicável pode ser que
um dia
você vai entender
Pode se sentir tomada por palavras
que acalentem seu viver
Perceberá cores e mais cores
vibrações e sensações na pele
Sentirá a vida diferente
e como um inebriar
o sentimento terá se depositado em você

Partículas de amor assoprado ao relento

A Rosa

| 12 JUNHO 2017 11:04 | MÚSICA: LE LIEN – GRÉGORY LEMARCHAL

Verte uma saliva
pelos cantos da boca
nos lábios que
as pétalas vermelhas
desabrocharam
lágrimas de amor

Como me sinto...
Como me extingo?

Uma flor que mergulha
no sol, no fogo
Seus espinhos transformam-se
em mãos
em desesperado gesto sangram
ao irem tocando por toda paisagem
Deslizam montanhas, rochas,
penínsulas, rochedos, penhascos,
abismos, desertos, florestas
e costas

Como me sinto?
O que me resta

Arroio que se avoluma
Fermento-me em vinho

Abraço seu torpor
moro no seu calor
Existo e morro no amor

Como me sinto...

Uma rosa
que se derrama em pétalas
escorre suas próprias cores
no sangue vivo pulsante
dentro das suas artérias
Amor que pulsa na matéria

Transformo com poder bruxo
Água e branco
nas salivas de uvas
Transformo sorrisos fotográficos
em beijos intocáveis

Como me sinto?
Como *Absintho*

Loucura

|12 JUNHO 2017

Por este momento
parti sozinha
a vagar por estas novas terras
por entre as chamas da loucura

Pretendo andar por aí
Nem lembro mais o conjugar
do voltar
Vou amar a mim mesma
me perder em todos os sentidos
explorar cada desequilíbrio

Remorrer nas terras das loucuras
desde que haja todas ternuras

Vou me cobrir com seu feitiço
Desaparecer completamente
desintegrar no meu sumiço
Viver o resto dos dias
nas fantasias
Despida de cabelos
Te mandarei meus dentes pelo correio

E na loucura esquecer o lembrar
e lembrar o esquecer

Abraçar os meus demônios
que é melhor que o vazio de você

Magma

| 07 JUNHO 2017 12:15

A vida está aí
casas coloridas
estradas molhadas
você busca em si uma liberdade
coisa que nem imagina o que possa ser
Sente aqui e ali
machucados à parte
Subida íngreme
no alto o vento arranca toda sua certeza
Não há certidão de nascimento
Nada é único dono
É tudo de segunda mão
As virgens vestais foram abusadas na infância
Amor não é um só
E vou, agora é andar
tentar ignorar as dores
a decepção das experiências
Agora me conheço
Nasci ontem

Meu choro é alto e estridente
Todo dia me sentirei esse ser
que acabou de ser arrancado à força da mãe
Tudo que me aconteceu
só assim sou o que sou
É indigesto
Quando penso nos 500 dias
de prantos de desesperos
eles foram muito mais que 700
A verdade me apunhalou
apunhalou
Estou viva porque já morri antes
nasci como roseira
E das roseiras que plantei para cada Deus
uma delas era eu mesma
Floriu uma vez
cada vez com meus bebês aninhados
dentro da minha mão
Vivi o mais estranho dos amores
Dele ainda estou começando a subir a montanha
me deu prazer de sofrer, de morrer,
de renascer
e de eclodir sem a pele
me envenenar do prazer inventado
material feito de reações químicas
alquímicas
Agora entendo a sensação de implosão por dentro
Era um dragão de três cabeças
Um ponto de fuga divergente

Nada isósceles
Nada de triunfos
Durmo em colchas de raio ultravioleta
Aconteceu como escrituras
Eu descobri outras vidas
Premonições não me salvaram
A surpresa do amanhã
eu não sei
fico sentindo o ar da manhã
do amanhecer
Sinto a liberdade de poder ser tudo
Esperando a esperança sobreviver
nos brotos da romã
Não posso mais doer
Nunca tive culpa
A plenitude pode nunca me beijar
No entanto, sinto-me estranhamente
feliz
de ter visto a beleza inacreditável
desse meu núcleo magma

Abat-jour de folhas secas

| 20 JUNHO 2017 21:45 | MÚSICA: I LOVE YOU... ENIGMA | LOCAL- MEZANINO, EM CASA.

[ILLUSTRATIO 4]

Uma luz âmbar derramada

Vestia meu lugar

como lençóis esvoaçados
corpos imersos
como raízes
Dedos se perdem no adentrar
o espalmar emana o aquecer
Abraço como um tronco de árvore

As folhas translucentes
banham o amor acontecido
Mãos abarcam o rosto
colhem viver na palma

Natureza verte seivas

Beijos perfumados
de mulher selvagem criada nas folhas
Pernas dançam entre si
O abraçar dos passos

Amor em folhas verdes
Amadurecido amanhecer
Desejo brotado
Não foi decepado pelas saúvas

Vento da decisão
Pranto do amor

Canto do viver
Cama de folhas
Bosque da busca

O enfim
encontro de amor
Folhas unidas
tocadas em carinho
no transpassar da luz

Luz permite
corpos se fundem
raízes da terra
Bocas que se amam

Folhas do tempo
Amor consagrado
Paixão nascente

Amor está feito
retorcido
nas árvores da terra

Língua dos Golfinhos

| 03 JULHO 2017 21H. QUARTO.

Meus pés andam sem sentir
Como se o caminho fosse
tapete de céu
Lavam-se em suspensão
Desenham raios
e trovão de chão
Vejo em todo lugar
em cada palavra que
se pronuncia a mim
Enquanto beijo
São ressacas de champagne
Águas que circundam
os seios de rochas de Fernando de Noronha

Dançam Golfinhos pelas salivas da sede
Nas salinas acesas
Ondas que quebram
Som se esconde no arrebol
Som se silencia nas ondas
que nadas

E por mais distante
Por mais bocas que beijes
Estarei em todas as vezes
nas línguas dos Golfinhos

Myriam

|6 JULHO 2017 11H – NO SEU DIA, AOS 88 ANOS DO NASCIMENTO DE MAMÃE.

A vida se disse, com voz bem fraca, cobriu meu ombro das cores que pedi, meus olhos tentavam aprender almas gentis, nos seus desenhos de giz de toda herança que escondeu na boca de meu espírito livre. Silenciou para me aquecer num sol que eu jamais vira. Fortaleceu a crença e profeticamente me avisou da vida, nesse encanto sensível me deu mão para atravessar a rua. Sorriso largo aberto me escreveu generosidade para que eu pudesse comer dela no meio da manhã. E não no sol, nem vento, nem na falta, sua força me sobreviveu, e eu nem sei ainda a honra. Sigo com tão poucas letras, restrita na montanha galgando entre plantas e batimento forte com braços de abraçar vento e estilhaço, e olho acima, procurando, entre minhas buscas, vestida dos pequenos panos que tirou de si a me dar, em vida, em apenas significados que tomo nas mãos e me calço deles para continuar andando.

Nada Nada

| 16 JUL 2017 11H | LAGO DO MAJOR ATIBAIA

Sem nada eu tentei todo
Folha de rosto
Sem pauta Sem margem
Nada me disse o todo
Capa de livro sem face
Se o dorso acarinhasse
Gestos desviados de mim
Pouco fez sentido jasmim
Desenhos da água do lago
Emanar vago em cálido
Algo que flutuava largo
Ao longe pensei nas folhas arrastadas
Todo tempo o tudo ou nada
Escuto o mudo
Não vejo sombra
Tudo no ombro do Nada
Subo e desço do rumo
Encontro seu sumo
Sob escombros das unhas
Nos vértices de peles e rugas
Nada passa o Tudo
O Todo
O sentido que norteia
O destino desnorteia

O Todo Tudo
Vaga no nada
Tudo do todo
Tudo em tudo
Nada estava
Onde eu ia, iria
Desencontro de rumo
Rumino fumo queimado
Passa Tudo
O todo pulsa mais firme
Mais íngreme
Descida veloz que não acaba
Infinito que voa ao longe
Tudo com Todo amor
Todo momento o pavor
Nada é limonada
Água de beber
Do mar pendurado no varal
Que recolho, mastigo procurando a
Última gota de nada
As mesmas coisas
Integram vazio
Espero na janela
Ninguém vai surgir
O sono não vai me dormir
Não tenho coisa alguma
Era só sentimento bom
Água que não mato sede
Ao que se desconfia

Que sombras são venenos
Água deságuo
Inútil e nada
Tempo errado
Sol me engana o rumo
Tanto faz a que lado ir
Tudo é tudo
Nada é nada
Seu vento não me alcança
Muito fraco
Meu coração
É abalo sísmico
Onde ando
Onde anda
Onde nada
Onde tudo

Amor absoluto

| 23 JULHO 2017 14:20 A 14:36 H | MÚSICA: POWER OS LOVE – DARK TENOR | DEDICO ÀQUILO QUE NÃO PEDI. | CURIOSIDADES: MEIO FIO OU MEIO-FIO, NESTE TEXTO SERIA AMBOS OS SENTIDOS, GRAFEI COM HÍFEN, MAS TOME-SE O DUPLO-SENTIDO. O AÇO TEM TAMBÉM O SENTIDO DA FRIEZA. CHÃO, É PARA SOAR E LEMBRAR O CORTE DA CARNE, FALO DO CHÃO, MAS O CHÃO INTERNO, A SE MISTURAR COM A CARNE DO CORPO. ESFUME É DESENHO LIGEIRAMENTE BORRADO DANDO MEIOS TONS. FALO DAS VIAGENS PARA FUGA DO VAZIO DE CADA UM. O TERMO SENÓTICA É NEOLOGISMO PARA REFERENCIAR EFEITO ÓTICO DA REFRAÇÃO, A CURVA SIMBOLIZA EM MINHA METÁFORA A VISÃO DISTORCIDA, SE PENSAR NO PLANO DA LUZ REFRATADA, A INCIDÊNCIA DA LUZ MUDA DE ÂNGULO, DETERMINADA PELO SENO DO ÂNGULO NA LUZ REFRATADA. NÃO CONFUNDIR COM SINÓTICA.

Rodopio no ar alto
Mar adentro - Rododendro
Gêiseres de quartzo branco
Mergulho noturno
Gestos irresolutos
Corpos pregados
Mãos fundidas
Beijos
Sabores fecundos
Amores perdidos
Beijos intensos
Amor imenso
Lua de incenso
Raio de sol
Vento de arrepio
Redemoinho em corrupio
Amor ao meio-fio
Amor à meia-lua
Beijo de meio-dia
Tocar e pegar o braço
segurar o aço

comer um maço
fumar como cigarro
consumir o sonho
rolar palavras deitadas em chão
chão de fora
chão de dentro
Mastigar Morder
casca de maçã
Amar o afã
Amar agarrar
Soltar um brado
um bravo
O gosto do cravo
A tecla do piano
O som do miado
Lá fora o cricrilar
ou
o piado
A pele veste sua vida
Pele caramelo de mel
Corrói paladar
no voo das asas batidas
das estrelas opacas

Amor insolúvel
Superfície de água
Flutuação de mão
no dorso do pescoço

Amor magnético
Ausência epilética
Zona morta
Polo *desnorte*

Ar de morte
Brisa a noite
Brilha o céu
Invertidas estrelas em negrumes

Amores de esfumes
desenhos insubstanciais
o pó de dentro vem do quintal
Amor sem avental
Amor à mesa posta
O sexo no olho d'água
O sexo no pensamento da
semente de nozes

Amor inconcluso
Raciocínio difuso
Amor catarata
Pensamento errata
Amor obtuso
Fixo o parafuso
Prego o prego
Martelo dedo
Dor do absurdo

Amor mudo
Andar mundo
Comer vento
Sorrir dente de leite
Na bolsa andarilha
o vazio do umbigo

Amor roto e sujo
Amor renegado que

é usado casaco no frio
Amor incorreto
andar abjeto
corcunda ereta
Mãos exatas
que colhem o rosto das faces
As faces do gosto
Guarda a palma
no rubor do susto
mãos delicadas
pegam o suor da testa
o calor da boca
o amor do céu da língua
o enxague do mar do palato
A ponta do dedo
caminha pela descida
pela trilha de sobrancenho
pelo fim e pelo começo
pelo traço
do bagaço de poncã
o beijo adormece
no pranto do canto
da boca
o beijo repousa no seio
da face
o beijo tremula a ruga do olho
o beijo encosta o verso
inverso do avesso
do braço
do antebraço
do abraço
de orelhas voadoras

O amor do olho
O amor da testa
Amor do sinal
desenhado em osso
as palavras secretas
entalhadas no interior
da crossa
do fosso frontal
pensamento cerebral

O amor imortal

Navega pensamento livre
oceanos líricos
experiências empíricas
sensações físicas
de amor incessante
pulsar
tambor de música
desabotoar de blusa
O amor imoral do sal

Amor expirado
do ar cansado
do correr do tempo
da braveza do vento
da dureza do cimento
e toxidade do amianto

Amor que canto
Amor encanto
mágico hipnótico
curva *senótica*

Olho sem ótica

Amor que escuto
Amor que espanto
Amor absoluto

Refloresta

| 25 Março 2010 20:25 h | Dia de chuva forte em SP. Longa espera pelo ônibus. Escrevi o que gostaria de deixar como motivação. Meus projetos de recuperação, o reflorestamento da minha vida esperando os dias de sol junto a meus filhos, marido, irmãos e amigos. Os meus projetos pequeninos, escrever, desenhar, sair, tomar um vinho do porto, comer bacalhau, achar receitas, restaurar a essência da vida nas boas lembranças, isso me fortificou a ir em frente.

Refloresta o que
resta de meus
desertos para semear
Refloresta aquilo que se foi
se perdeu
existia
e não se preservou
Refloresto a crença na vida
que se esquecia
as areias ventadas da duna
fustigavam
Refloresta o que detesto
o que perdi
não tive
ou não se moveu até mim
Refloresta a floresta
de sementes,
de espécimes extintas
replanto ideias
que foram enterradas
Replanto a fé que perdi em mim
ou a confiança no ser humano

Refloresta a ruga da testa
a mansidão do chão erodido
serpenteado de plantas secas
sementes hibernantes
do sono profundo da
desolação humana
Replanto sentimentos
que morriam
sorrisos que
minguavam
e rego com minha
coragem de insistir
na vida
Vida que consome
e não vivo sem ela
e não morro antes que
acabe

Asas de Borboleta

| 28 JULHO 2017 16H | TEXTO DERIVADO DE "PERPLEXIDADE". DE UMA SITUAÇÃO DE FALTA, DE UM RIO DE AMOR QUE TRANSITA TEMPO, MONTANHA E PLANÍCIE, ONDE O AMOR DE FILHA E MÃE SEMPRE ESTARÁ, DE AMIGA E MULHER CONTINUARÃO. A ESPERA, O ENCONTRO, O DESENCONTRO, O PRANTO, SANGRAMENTO E MORTE E RENASCIMENTO.

[ILLUSTRATIO 5]

Asas de desabrochar amarelo

Numa idade que vem
suspender os pensamentos da tarde
Mãos minhas em cuia
em esculturas de imbuia

Repousam borboletas

_ de asas incompletas
_ asas amarelas discretas

Transpiram meu eu
ao sol de Marte
dedos com anéis de Saturno
(Meu) Olhar soturno
nota que de minh'alma
se desprendeu um pedaço
n'algum momento eterno

Desenha um olho vazio

Só agora vejo que
uma das asas me foi partida
Fragmento que reconheço
Uma asa minha n'outra dela

Desequilibradas as borboletas
Pendem em giro
Olho firmamento
Liberta os limiares da geração
Sei que um momento longínquo
Trocamos pedaços
_ d'asas d'almas
_ como um pacto de reconhecimento

Uma dança amarela
tatuada de olhos abertos

Visões se alargam
não se acobertam

Vertente Sentimento Permanente
Asas do olhar
das mútuas completudes

Onde juntas estiverem
não mais sangra
uma lágrima de vento
Um carinho de ventre

Existem e insistem
Bater de asas
na íntegra serenidade

Fragmentos se reúnem
encaixam íntegra rocha
É tão forte a sedimentação
No ar o brilho da cor única flor

Da asa incompleta
Do frágil olho
circunspecto voo
_ de compreensão

Chão de tinta

| 30 JULHO 2017 11:30H | MÚSICA: MOTHER – PINK FLOID | DEDICADO À LOUCURA QUE DESENHAM EM MIM. |BASTA TER DEPRESSÃO, ALGUM TRATAMENTO PARA QUE AS PESSOAS TE DESACREDITEM.

O chão me pisa sola do pé ferida
Suas tintas brotam dos vãos do tempo
As tintas imiscuídas nas friezas dos meus dedos
Contornam o sangue do meu porão
Os livros encaixotados embebidos na dor desta alusão
Piso tinta molhada
oleosa em brilho inerte e fétido
Pés escorregam desenhos que borrei
A geleia de morango que disfarça meu sangue emprestado
a todo esse tempo de dor derramada
A luz que sobrevoa meu pensar
como luzes perscrutadoras
olhares da loucura que pigmentam
nas chuvas ácidas
das poeiras secas
da cor púrpura
do abril morto
da figueira queimada
dos olhos sujos – que olham em mim

As cores do tempo
desenhos que idealizei
cortina de explicações ventadas para seu contorno de conforto

Tintas que engolem a matéria concreta
do fardo do dardo
do sentimento flechado de razões fechadas

As tintas que piso
são viscosidades do tempo vivido no sentimento incompreensível
do olhar puro
desse sabor imaturo
maçã verde
exalada do pinheiro

Eu titubeei muito no caminho do jardim
Todo mistério jasmim que bebi nas taças
como se fossem sorrisos de ouro
eram cores de veneno
desdentado de correntes do aprisionamento

E toda essa tinta misturada no chão
agora tenho que desembramar
esse novelo de lã
para tecer minha roupa ainda nesse agora

E de fora a fora
de lado a lado
a tinta apagada da casa
a tinta apegada dos olhos
dos nove fora
do quadro pintado

das projeções alheias
depositadas em luzes radiativas sobre mim

Não sou
Não tenho que ser
o seu tecer de teias

Eu sou o ser imperceptível de ver

Estalagmites Estalactites - Amor da minha boca

| 15 AGOSTO 2017 21:50 H – MEZANINO | MÚSICAS: GABRIEL'S OBOE E THE MISSION: GABRIEL'S OBOE – ENNIO MORRICONE.

De minha boca
os ventos cortam falésias
_ de arames
Brota uma nascente rubi
com a voz do hálito do
sol morno na manhã
da praia do silêncio

A calma renasce nas
ranhuras desenhadas
em cálice tulipa
que as asas do meu
calor cantado – vibra

Nas estalagmites de meus
_ dentes
há uma caverna
de mãos espalmadas
neolíticas
amarelas, vermelhas
iluminadas da vontade
do céu destocado
_ reminiscente

A aura da minha voz

canta irradiações
de uma onda de pequena
_ amplitude
que toca com movimento
_ de estrelas
todos sabores de quietude

Como um morno saciar de
_ leite
Como um cerrar de olhos
_ no aproximar
do coração quieto de alma
bordado em flores
chuleado de sons abandonados

Da minha boca, vem
um toque ínfimo
passarinho de cantinho
com cores guardadas de
_ orvalho
_ sangrado
no lusco-fusco morango ácido
pintado à língua nos seus
_ lábios
contido de sementes negras
_ de veludo
_ incrustadas
_ de amores
dormentes no pulsar da vida
Permanentes estrelas negras

nos céus apertados
desta tulipa rasgada

Estalactites em gotejamento
de serpentes de brilhos
de não permanência
de formação de ventos
de respirar

Da minha boca brota
enquantos, de iniciais
de versos acrósticos
sem prognósticos de friagem
apenas desenhos de fuligem
_ rupestre
adornam afrescos
de beijos de vidro
e pintados azulejos

De minha boca
vêm espectros e sombras
dos anjos de fervura
de todos os carinhos de
_ ternura que
_ sobrevoam o dorso
_ da espinha
_ sobrevoam o nervo
_ ótico

Da minha boca
areias de grafite

_ borram
As palavras perdidas
que repousam ouvidas
de mãos pequeninas de
_ criancinhas
Ao mesmo tempo, a língua
atiça fogo de fogueira
queima com leite de
_ figueira

Abraça o tempo do
ciclo - completa
nos ecos de sua muralha
nas passagens convexas
_ das palavras de amor
_ ebulidas complexas
no dizer da boca
quando fizer da hora
no querer do meu
fundo de alma rasa
clara - simples
_ de aurora

de amor apunhalado

Mãos que atravessam espelhos de distâncias

|22 AGOSTO 2017 22H

Estendo-me em tábuas
assoalho de seu piscar
a comer com as mãos
bocados de sua sombra

Umedecida de tocar de bocas
bocas amarelas
do apedrejar do sol
das coisas que me diz

Deito em tapete de pedra listro
arranhado de unhas de vulcão
amor extinto em fumaças
em que nunca subi

Deito nas minhas palmas
olho de tigre
reluzente e transparente de anis
como um chá morno
curativo, feito geleia de castanho
e fecha o zíper da minha cicatriz

Mãos desprovidas de tempos e prendas
tocam a si mesmas procurando

reacender fogo da lamparina do dia
da luz mordida confiscada em sua boca

Bálsamo

|27 AGOSTO 2017 22:45. MEZANINO.

Houvera deitado a cabeça
no peito da noite
ela que me abraçasse
em sua força cigana
Entorpecesse em loucuras de panos
o pensamento engano
Era tudo o quanto meu
abraço queria alcançar
Sonhos e braçadas cheias de vida
que meu peito queria esmagar
_ (sem caber)
Nos cílios caídos, saudades que derramei
no verter do sorriso
um alento esquecer

Noite encolha-me em seus galhos
o olhar coruja descompassado
Role por telhados minhas dores
_ embalsamadas
Traga-me clarões e *esbravejos*
dos tantos medos
das tantas ânsias
desses febris amores
das crianças idas
do pulsar da vida

dos reluzentes raios

Um sono quieto sem perfume
e sem espinhos
servido em conchas
ao pé do meu caminho
que um xale tremula ao vento
como se uma mão
estivesse sempre ao ombro

Um sono falante que traduza
as linhas vencidas de palavras
engolidas, (não proferidas)
Uma mão que retira o mato
para o florir escondido
_ e amassado

Com ele eu poderia coisas
um poder hábil entre meus dedos
o de tecer rendas brancas
para os cordeiros pousarem esperanças

Eu desenharia argila com os dedos
Amarraria abrolhos com sossego
Bordaria coloridos lampejos
Botaria em uma mesa quitutes
para o povo faceiro

As conversas seriam mornas

nas pausas das xícaras
no tilintar de dentes
no franzido sorriso da dobra da cortina

A noite me abraçaria
como gente querida
e como espinho pinçado
apenas um arranhão, uma ferida
Que em poucos minutos jaz esquecida

Folha de rosto

| 9 SETEMBRO 2017 1:03 | QUARTO

Um rosto deitado
repousado de mornas
_ mãos frias
Rosto silenciado em sonhos
Um rosto de cores cintilantes
nariz adormecido
boca que comeu
tudo que nunca disse
Por sua garganta
cresceram trepadeiras
_ de rosas
Em seu estômago
emaranharam esses perfumes
Rosto adormecido
com paz
sedimentada
de tentativas
Rosto de gosto
Esquecido de gaivota
Trêmulo e ululante sorriso
de promessas de risos juntos
Rosto de profetisa
Rosto de olhos de madeira
Olhos de boca

de som de chuva
falando um nada de névoa
ou de reticente neve
Um rosto que poderia ser
seda pura
que com dedos de criança
galopo deslizo
montanhas
narinas
lóbulos de orelha
o acordar vazio
que desperta na boca
que abre os olhos
_ de brilhos
Um rosto
de paz que trago
comigo
no fundo do bolso
por baixo do meu travesseiro
no meu sonho
febril esmorecido

Flamingo Flamenco

|17 Outubro 2017 16h | Música: Cosita de la vida – Gary B

[Illustratio 6]

No momento que eu não estiver aqui
à luz do escuro
Gira na penumbra da noite
Joga sapatos longe
Baila sozinha no quarto aquiescido
Gira em torno de teus braços
Meus braços dançarão contigo

À luz tardia
solta os pés
solta os braços
rodopia em mim

Quando sentires falta
de alento
de palavras rasgadas
esquecidas

À madrugada ouça
essa música
Dança em roda
Arremessa teus demônios na sombra
Dança com sangue
Dança com vinho
nas cartas que escrevi
Sacuda os cabelos que tiver
Dançarei na tua
roupa rota

limpa
desenhada de batom
carmim

Quando sentires sozinha
Tuas faltas acordar
As perdas doerem
Toca essa música
repetidas vezes
Te abraçarei de
alegria matutina

Rodopiaremos
como irmãs queridas
talvez ainda um dia seremos

Bailaremos unidas
de todo que já esquecemos

De braços com o
nada, pula
as brasas do braseiro
Amornarei o tecido

E as recordações
apagadas da
casita de la vida
nas pedras cinzas
sombras de danças

se movem nas paredes
no crepitar
da fogueira antiga

E tudo que não pode
se alegraria
o violão fervilharia
a luz amanheceria
porque o que faltou
se permitiria

Quando tua vontade
não puderes ter
Dança Dança
no modo completamente
uma dança
que pode ser deitada
no horizonte
Eu que comecei a morrer
desde o dia que te conheci

Quando dentro de ti
Tempestade ruidosa
Dança como cobra
Deixa a água ondular
tudo o que ver
Estarei em ti
vívida
completamente

quanto tudo que
quis ser

E na dança
sonha todos os sonhos
purga e transpira
Molha até o último fio de cabelo
até amanhecer
a felicidade que
quero escrever
dentro de ti
Declama para mim
nesta dança
na casita de pedra
no insólito impossível
amanhecer

Cansa a dor
Entrega-me flores
viva nesta dança
imaginada
de um
flamingo flamenco
com
todos os sonhos
que te dou
para dançar o riso
que desse modo
uniremos como o

prometido

FLAMINGO FLAMENCO – VERSO DA FOLHA

PARA MINHA VIDA PREGRESSA PERDIDA. A MÚSICA ESTAVA DESCRITA COMO CASITA. A LETRA DIZ COSITAS.

MEMÓRIA: DIA ESPECIAL, MAS COM UMA DOR ACOMETIDA DESDE A MADRUGADA.

MEMÓRIA VISUAL: DANÇA FLAMENCA EM QUARTO ESCURO. ROUPA CARMIM, VERMELHA OU A COR DO FLAMINGO, O IMAGINADO, UMA COREOGRAFIA JUNTO COM O POEMA E A MÚSICA.

ESCRITO 2ª PESSOA, IMPERATIVO.

Lentes objetivas

|21 Outubro 2017 - Jardim, às 19:35

Não era nada além
se render à renda da rede
render os pés n'água da boca

Não era nada além
de lâmpadas acesas
além de nada não era
era renda de colcha de luar
Gotas macias escorridas
por entre a vasta
colunata de vértebras

Nenhum pouco de arrepio
do pensamento
engarrafado vazio

Não era nada além
de um aproximar de imagem
nas lentes objetivas
binóculas
segurada por dedos táteis

Não era nada além
de um susto
em *interestágio* de sono

do rumor efervescido
de lágrimas secas de travesseiro

Não era nada além
de sede atrasada
nas rachaduras do estio
da boca
emprestada ao brilho
de Vênus
da hora descrita

Não podia ser
existir encontrado
de pêndulos opostos

Não era nada mais
que andar gatuno
no resto de lusco-fusco
escondendo nos
vãos das sombras
duplos sofrimentos

Beijeme

| 21 Outubro 2017 20h |No conjuntivo, com a omissão do "que você...", aglutinei para uma palavra substantiva, um neologismo, para os catedráticos uma escara de idioma, mas é. Ignoro regras nesse poema. Assumo uma linguística popular, porque idioma é vivo.

Beije uma única vez
no enquanto
das luzes da boca
de um anjo

Coberto(a) de espuma
dos sais do ar

Entregue brilhos
dos segredos
em pergaminhos
manchados
perdidos nas garrafas

Beijeme
das cores perdidas
amarradas dentro
do cardume

Beijeme
como espalmar de mares
línguas sem cor
das ondas rasas dos areais

Beije-me mais

Como ondular de
ondas das campinas
cafezais

Diga-me que amas
Faça-me cama da dor
Corpos flutuantes
das gramas
tocadas por mãos
emplumadas do vento

Beijeme como seus
olhos me bege
me ocre me pele
me toque me rosa
me choque me azul
me revogue me note
me enfoque
me amarele
me expele me tosse
me cobre
me alfa me gama
me engole

Apenas uma vez
me beije
me fato

me nato
me exato

Um beijo de boca
de água viva
me queime
me beba
Embriago

Impossível

|25 OUTUBRO 2017 09:40 · MÚSICA: PIANO TEXTURES III – BRUNO SANFILIPPO

Sol nasce em meus olhos
Se eu quiser posso
Tornar vivências de sonhos
imortais
Acordarei nos seus braços
com coração que
não poderá se cercar

Tomarei café
em xícaras feitas de
creme brulê

na sede sedenta

desmancharei algodão doce
de imensidão

Entrelaçarei dedos
inquietantes saudades
plenitude dependente

Desaparecerei

Mas o impossível bate à porta
destrancada de razões
Sua cartola adornada
com penas catadas por aí
Ele tem olhos laranjas
sem vestígios de sobrancelha
Boca vermelha
cornalina em chá
de jasmim

Eu houvera amassado a dedos
estirado massa no granito preto
cortada em círculos de cálices
do licor incolor da
cor indolor

Eu houvera adormecido
nos peitos da vida
empoçada em espelhos pálidos

Suas mãos trançavam meus cabelos

Eu houvera me esquecido
dentro de um xale
manteiga

Jantava frutas à garfo e faca
junto às minhas meninas
engatinhando

E o impossível me abraça
às horas passadas
no alvoroço da manhã cedo

Ele me despe
Passa pincéis em meu rosto
Creme nas mãos
Massageia meu ombro
na claridade de uma
pequena vela

Impossível me amorna
nos pães da manhã
com sua poeira de sol
com sua risada em sol maior
e me entrega a
partitura de sete folhas
para meus estudos irreais

Vai-se embora
Vai-se pelo céu afora

Adiante do armário
me revisto
de cores falsas

Uma flor morta
entre as páginas

Girassóis Prússia

|29 Outubro 2017 23:17. | Música: Dance of the Seven Veil – Mystic Diversions.

Desta chuva de meteoros
Corpus caíram em pares
Libélulas azuis
com sopro de universo
dos sóis de ouros

Nesta planície desértica
Desta estada esférica
Sementes azuis Lazúli
coloriram os campos insalubres
na primavera
eflúvios dilúvios

brotaram do estéril

Girassóis Azuis acordaram
Em seus braços carregavam
luzes de prata
Se estendiam por
campos devorados
das chamas criminosas

Girassóis azuis Prússia
ao sol curvam
à dança de véus
dos sete céus
a lembrar as caldas
das águas de sete quedas
em suas folhas brancas

Dançam dançam
os girassóis azuis
em seus véus
nos sopros de areia
nos sopros de luz
do mestre das estrelas

Senso incomum do ângulo

Talvez, ainda não
não sei
Talvez eu visse em ti
a beleza das uvas inatingíveis
na majestosa parreira
Talvez eu mirasse
um senso incomum
uma visão da pele
adornada dos tons amadeirados
dos imprevisíveis cursos e
inclinações
do caule enrugado da vinha

Talvez eu tivesse perdido
o olhar de perceber
percebi tardias
palavras que eu nunca
sabia

Tua boca formada de
duas faces opostas de
triângulos de um ângulo
esguio

Formava arco e flecha
e a fenda da boca
era uma flecha repousada

Talvez eu quisesse
ter encontrado o nome da cor
ter a descrição exata indolor
dos lábios cerrados
a minha vida encerrada

Talvez eu me abençoei
das pancadas da chuva
negra
inesperada
Talvez o gosto que teria
Talvez o de uma nêspera

Eu talvez só quisesse um
murmúrio
imprudente
um pouso de passarinhos
incoerente entre
meu nariz
meus olhos
meus dentes...

Talvez, fosse um dedo
um dedo que me ajeitasse
entre infortúnios e cabelos
Um imperceptível carinho
do teu (quieto) pensamento
Talvez
Talvez, um tempo

eterno limiar de
um falso desprendimento
Talvez, o elo, o pedúnculo,
o embrião,
nada disso exista de fato
nas vinhas de ch'uvas
E nossas vidas erradas

{Talvez fosse medo
um terror interno
confuso por certezas
ocultasse mistérios
o medo em si
não era de mim
mas de revelar em
ti algo que
te deixa completamente
inseguro(a)}

Antigo orvalho que não goteja mais de teu lábio

| 28 Novembro 2017 10:52h Terraço de casa | caderno p&b | Por Enf. Cassiano, a acidentada desconhecida, e para amiga M) | Músicas: The love dance – original – Mistic Diversions | Marisi – Cantoma | Por enfermeiro Cassiano e acidentada desconhecida do bairro do portão, e para amiga que me renega. | Mãos de mãe que inexistem, mas já pousaram em mim. Poema sobre dores, perdas e danos, que de certa forma eu disse ao enfermeiro que um dia eu faria poemas de todo aquele horror de momento, do desamparo à dor, da ausência às perdas [Dia que sofri acidente].

Te digo
com boca arrogante

lábios encouraçados da sede
sede de sonhos
fortes das correntezas cataratas

Te digo
de voz despojada
dentes cerrados da dor
da vontade de movimento
a saudade da voz serena
de vento apascentado

Te digo
que pensei em versos
diante da enxurrada
do momento congelante
da solidão indizível
da lâmina invisível
dilacerante das horas madrugadas

Te digo que vivo
que viverei das formas
permitidas
palavras ambíguas
a recusar o aceno das
incertezas

Te digo que mergulho
do alto do rochedo
a fé cega do amor bruto

constituído dos sedimentos
formação silenciosa
cordilheira dos antes
Alma recrudescida
no sólido confinamento
    adormece em adormecida
    acontece no impossível
    apodera do imponderável

Te digo
Noite que adormece em
                meus braços
A dor impenetrável
de alquimia injetável

Te bem digo
na pintura da ternura
emanada
naquela fissura
de um lapidado copo
em míseras gotículas
que se perderam
do teu fortificado obstáculo

Te bem digo
Às vozes brandas
sorrisos das nuvens
alento dos estranhos
a humanidade que eu

emprestei um abraço

eu bem digo
as pessoas que se tiveram comigo
inesquecível afável
canto doce ecoado do favo
mãos que surgiram
nas ausências tuas

Te digo
que os empurrões de
demônios devassos
não me demorarão
nem os momentos estirados
Vou subtrair o que me foi tirado

Bem digo
ainda bem que eu
estive nos braços das cantigas
do que teu falso
efêmero acenar de
armistício

Não me comovo
da falta nem de
perda do teu desperdício

Te digo
Não a ti

Não há
Nem sou

Te contigo
coração ferido
alma abatida
Algo que infinito vive
o que está escrito está
escrito
puro sentimento
não carece poda
mas de flores
danças, gorjeios e rodeios
de pássaros
que só fazem
Bem dizer.

Ausência Abissal

|16 Dezembro 2017, sol e céu azul, para amizade |Música: Massenet, Thais - act 2 | Meu sorriso do olhar e meu rosto não são incompletos porque minha dor sabe sangrar. Com beija-flor e Maggie sob a árvore. Sobre a falta, a ausência, sobre a sua expressão de felicidade.

Adormeci, com as mãos colhendo brilhos do chão
Não houve proibição que impedisse nascerem
pupilas nas papoulas em sobrancenhos de carvão

Deixei-me ao léu, tecendo meus sonhos coloridos
com riscos iluminados de meteoros
Por mais que quisesse, não podia ignorar os ecos
Ecos das cavernas e buracos, partes ausentes
preenchidas de um som abafado e inaudível
de uma aspiração aflita gemida e enterrada em obstáculos
Sempre me apercebo da notação dissonante da falta
Um fragmento desprendido incontido da casca do ovo
Ranhura no prato de porcelana sobre arabescos acobreados
Do pedúnculo – ausente folha
Do corpo, uma ausente mancha confiscada no tempo
Uma calvície Uma banguela
Uma haste de guarda-chuva solta
Lagartixa sem rabo
O vento
O vento aprisionado no redemoinho – ausente
Me entrego às águas torrenciais
nesta dor que planejo ardilosamente ludibriar
com os encantos da noite de verão

me emancipar do chão, da falta
encontrada nos ausentes
nesses sorrisos ocos opacos sem alma
desses olhares vazios perdidos sem ilusão

Eu percebo nas imagens condensadas
das ondas do mar longínquo que desejo
Nas chamas da vela queimando preces
ardendo a combustão

Apesar do que vivo e sinto
já sou esse ser incompleto e
nunca soube porque percebo isso
no seu sorrir de esqueleto

Eu me deixo, que o ar leve
tão leve que se sublime
no mais alto dos céus

E ainda seu rosto jaz incompleto
Livro que vira páginas amareladas ao relento
envelhecido se desfazendo nos cortes
das dobraduras nas orelhas de páginas marcadas

Um olhar perdido, migrado no azeite do horizonte
Um sorriso apático, sem embriaguez
de envelhecidos em copos
Um sorriso adulterado do ânimo
esbranquiçado mas sem alvura

do acordar livre e úmido das primeiras horas

Me deito aos pés da noite mágica
adormeço carregada pelas formigas
entrego-me aos milhares de picadas
entrego-me ao enxame de picadas de abelhas
às unhas únicas do escorpião
à língua bicortada sibilante
que essas dores pudessem apagar
essa falta escaldante
de sol chamejante do vapor de bico de chaleira
a me vestir a pele de queima

Ouço os ecos, os ecos vazios
ecoados nas crateras dos pedaços perdidos da vida
vida renegada em viver verde
E de longe aceno do meu sorriso puro
esquecido perfumado desse violino melancólico
nas águas imaginadas de um nadar
mar apagado da lua

Nos sonhos, meu caminhar se torna instante
tesouradas nas asas batidas rápidas
pairadas ventilando um breve momento
que minha mão se estende
levemente curvada inclinada
lentamente sem nenhum tempo
se acerca do rosto desenhado
e acompanha o contorno curvo

da poeira se desfazendo em bruma
sente com a mão água que cai
em brilho de teia de saliva
unidas em um lampejo

Percebo que sei a parte que falta
Sei a sequência do xeque-mate
Sei o vento aspirado quando caí do precipício
Sei a exatidão dos mares que precipitarão
e as cores dos seres que abrigam
nas feridas obscuras da ausência
desse tocar
acordados das badaladas às dez horas
em todos esses perfumes dos pomares
que lhe dei
apesar do rosto intocado
de anseios profundos
apagados, incompletos
em criaturas abissais. Eu sei.

Coração Quartzo Rosa

|16 Dezembro 2017 11:00 a 11:54 | Música: Three Worlds, the waves – Tuesday · Max Richter.

Ouço essa voz e sons, enquanto ela percorre frases
que em monólogo se dão conta
Quantas vezes me perguntei, me assombrei
com tamanha força bruta de rochedo
Ei, você Sol das onze horas
por que meu muro está acinzentado
com os teores da chuva?
Como pode? Como pode ser assim
tão cortante, tão áspera, como cúspides de lava morta?
Não posso abraçar coração de pedra
e prolongar a existente ferida
da flor de algodão
Hoje eu sei, nem sedimentos, nem a cura da rocha
mas a pedra do quartzo
suas espadas florescidas ao centro
de um dolorido coração apunhalado
Meus sentimentos transpiram
pelos suores do meu braço
pelos suores da minha testa
e com asas de amor voam
evolam-se de fato
Mesmo que da estratosfera eu não veja
Nas cores da aurora não existam
Sei que existe intacto

dentro da rocha escondido
está a cor do seu amor inato
brilhos laminados nas pirâmides
reflexos guardados
à espera da luz para serem acendidos
Agora só posso sentir as grossas paredes
Coração de pedra não bate
Guarda com a mão o nascimento de estrela
que só a morte pode revelar
e colocar no céu as vísceras expostas
das cores ofuscantes então explodidas
viradas ao avesso por essas mãos

Eu nunca pude partir ao meio essa pedra
encontrar seu âmago de fogo de vidro
Apenas sei que está lá dentro
do seio do seu coração

Ninho de Sanhaço

| 06 Janeiro 2018 14:45 Mezanino | Músicas: The love dance – Mystic Diversions | Circles – Alexander Desplat| Blau – Sine| Tentando recuperar a poesia que estava na mente esta manhã antes que eu levantasse, ouvia a passarinhada na gaiola do vizinho. Só recuperei a vontade de ensinar a fazer cesta para o ninho com artesanato. Mas perdi a poesia. Escrevi sobre o casal de azulão Sanhaço, sobre a tarde que eles se moviam de uma árvore para outra. | Piquitico = pequetito.

São nas garras da sina

que os gravetos mais frágeis
seu bico fulmina

Eu queria lhe ensinar
O tecer do gorro
O amarrar do abrolho
Trançar da palha da cesta
com mãos maternais de artesã

Vi que é maroto
espevitado com suas vestes aveludadas
Ouço, você ouve?
A garotada corre de pé na água
arroio de água de lavar roupa
o pega-pega encantado
Não é sua dança desengonçada
A fêmea vigia o ninho despencado
Enfia os bicos a catar pequenos insetos
Eu queria lhe ensinar
Ver longe, pular pedras
nesse caminho incrustado no rio
tal meu olhar que salta
de brilho em brilho
nas águas passadas

Queria ensinar outras melodias
Perco meus dias absurdos
A só ver seu emprego
o de me observar

rebolando sentado em galho
rindo das galhofas
aquelas que esqueço
conto aos grãos soltos no terraço

Queria aprender
seus maneirismos
o de olhos esbugalhados
o de meter a fuça no sovaco
o de erguer o pescoço
até a nuca do céu
cair de costa sem ser esmagado

Queria aprender
guardar no papo
minhas frutas lindas
e as palavras
que não ficassem
amassadas e passadas
Poderia colocar os ovos
nesta estação em gerúndio
permanecerem acasalando
vivendo chilreando
andando
com passinhos de garras
retrocedendo meus prantos?

Em seu calcanhar
eu ensino e me acostumo

a um eterno relembrar
De grão em grão
morro acima minha alma vai chegar
De pão em pão
a minha desculpa para comer manteiga
Vai-se
Vocês voaram sem volta
Fiquei dias espreitando
Outros pássaros que vinham
Um era *piquitico*
afiava o bico no retorcido aramado do galho
outro vinha de fraque, pomposo,
se empertigava
chicoteava uma larva
batendo bem antes da bicada
Eu lhe ensinaria
modos de comer a garfo e faca
para noites de concerto
com todas as vozes contralto
um coral vestido de basalto
bem aqui na balaustrada

Mas queria, que me ensinasse
o caminho para meus azuis deste verão
eu queria, por um momento
ser um pombo correio
e levaria ramas de encanto
à terra fria

Por onde andariam os andarilhos?
Onde seria seu novo ninho
senão no alto de um pinheiro?

Perdoem-me
Meu pinheiro é meio calvo
cresceu no meio da ventania
entristeceu quando seu gêmeo morreu
neste pé de montanha
onde houvera um campinho de futebol
bem ali às dezesseis horas
bem ali onde corriam as crias
de cachorros do mato
bem ali onde brotava uma nascente
bem ali a *sapaiada* coaxava
ignorava seu presente
eu sonhava ajudá-lo tecer o ninho
Àquela tarde no seu furdunço
a correria puxando pipa do menininho
Eu olhava o pedaço do galho
que a janela me entardecia
enxergava o que ouvia
Duelo dos machos
à disputa do ninho
no meu Castor
Ficou você
Por um dia acasalou

Foi quando acordei

após meu banho de cansaço
e não vi mais o casal de sanhaço

Retiro das Fontes

|21 JANEIRO 2018 11:07

Mosquitinhos em flor
debruçada dos canteiros
Folhas abraçadas a vencer
a surra da chuva d'ontem

Não tem amor igual
a cama de descanso
das folhas e cascos

Pus meu coração no altar de pedra

O guizo da cigarra
chamando meu sorriso
a morar nas pedras d'água
ou nas poças esquecidas
sentadas na serenata
As folhas dançam
as sombras dos seus véus
entrecortados no céu

Luz que abençoa frescor

a solidão que permite
a jornada errante
de uma formiga abandonada

Me deixo a dor
nos pés da araucária
vestida de sua roupa camuflada
nas plumas de plantas

Apenas o detalhe
uma flor branca ferida
esquecida a lembrar
os dias anos atrás

Vim beber do ar
Vim vestir o casaco tecido de palha
calçar minhas pedras
as que terei de carregar
por entre folhagens que são aranha

Fervilhantes formigueiros
na terra ferrugem

O que eu tinha a ofertar
meu amor vestido
da capa das asas borboleta
diversos olhos
a perder a visão
nas copas das árvores

No Altar de pedra esquecido
serpenteado de sementeiras
caídas pelo chão

Sonho de beijo

|21 Fevereiro 2018 20:30 | Caderno de couro azul | Sobre um sonho

As limalhas dos grafites apontados
Pairam em meus dedos
a vontade de lembrança
o esculpir dos lóbulos
têmpora
arcada e boca diluídas
feito teor de chá
ondas de véus
madeixas desarrumadas em dispersão
como morno de banho
pérolas de ar
aglutinam-se nas pernas
torneadas de polida Morus[1]
arremetidas para cima
pulverizam o gosto
o vapor

[1] Morus- madeira da amoreira, cor da pele morena.

As fitas vermelhas que tremulam
se tocam imperceptivelmente
A intromissão do pingo na água
reage com a projeção da língua
uma música de arrepio
um violino pensativo
fitas marrons – fitas negras
emaranham-se em carinho de mão
Mas afinal
apenas um desenrolar vermelho
correndo a meio fio
o olhar perdido
o beijo (não) acontecido
sob os olhos despertos
desse corpo
Como uma boneca
nascida
feita de fitas amarradas
coloridas de viço
os olhos – de vidro
cabelos de milho
inerte
do seu sonho
esquecido

[Illustratio 7]

Vitrais de Borboleta

| 28 Janeiro 2018 12h. Praça do Retiro| (em solidão)

Uma borboleta
duas mangas vermelhas
Desejo de beijo

Duas borboletas
Amor e Paixão

Três borboletas
voando juntas?
Verão

Quatro, negras e vermelhas
Laranjas – amarelas
Chuva de pétalas
voando ao seu sabor

Por último
uma borboleta branca
uma flor em ascensão

Belvedere

| 28 Janeiro 2018 11:42 | Para Federico G. L.

Céu e montanha
(Cama invertida)

Coqueiro
(Chafariz de clorofila)

Flor Branca
(Lápide da solidão)

Belvedere
(Dias contados à sua destruição)

Erosão da água

|11 Fevereiro 2018 12:25 mezanino | Caderno de Bolso Herbário

Enquanto sorvi a água gelada, seus pingos suados no fundo do copo se aglutinaram entre si e escorriam.

Fazia me recordar da espuma de banho, seu minúsculo estouro de microbolhas furta-cor em tons purpúreos, e uma sensação tátil aguçada permitia-me sentir este extinguir.

A água esta manhã me parece tão donzela, o seu frescor nunca foi tão balsâmico à minha garganta dando-me um alívio grande, porém subitamente passageiro.

Tanto pelo sono engolfado de magma, como amargura intrínseca à minha existência denominada.

Todas as coisas misteriosas, acabam sendo sentidas, com o revolver do lodo, em algum canto do córrego da vida. Por vezes o 'achado' não é propriamente uma pepita, mas ainda que espinhento, a verdade ou não, são importantes elementos que não podem ser ignorados.

Só ilusão pode dizer

Eu te amo

|20 FEVEREIRO 2018 13:40

O amor é essa loucura
imaterial líquida
embriaga de cor
de cores nunca vistas

Não, não podem dizer
_ eu te amo
se não voam de camisola à noite
Se não solam bolo
um bolo cozido
de amor teso

Não podem dizer

se não sacrificam
se não se impregnam de dor
se não
voam dirigível
suspensos neste gás
luxuriante

No entanto cada
_ eu te amo
vale, um vale imenso

entrecortado de árvores
um nascimento em afresco
uma fruta de época
um sumo vertiginoso
de uma nascente pera

Amor, é essa mordida
indolor
uma pintura incolor
nas noites molhadas de chuva
calor sem brasa
alma oxigenada

Eu posso dizer que te amo
em loucura
porque meu reino é o vento
seu sabor nunca sai
da minha nuca

Sinto seus dedos
morno café pingado
véu de seda encapuzado
no círculo raiado da íris da folha

Só pode dizer que ama
formiga que carrega
sozinha esta folha
mil vezes mais que seu peso
mil vezes mais que um beijo oco

ou um assobio
por entre fibras do taquaral

Esse amor, tecido à mão
artesã de fibras de coco
um bordado branco
em cambraia de gola
perfazendo fileiras delicadas
das estrelas cadentes
uma coleção de calores
derretidos em voláteis
álcoois dessa força de combustão

BeijoTe

| 23 FEVEREIRO 18 12H | MÚSICA: MARISI – CANTOMA, ANEW – ED CARSLEN | À MEIA VOZ, À MEIA LUZ, À MEIA-NOITE

No leite morno da noite
uma calda debruça
me olha dentro
de uma folha penumbra
um lacrimejo gemido destemido
nas minhas orlas manguezais
Lençóis de nuvens – Canção de ninar

Meus ouvidos acariciados como couro de bumbo

e grunhidos das águas areais
Minha borboleta rubi pousa nos cílios
sem encostar a nuca

BeijoTe em linha de contorno
BeijoTe sussurros de concha acústica
Pés de borboleta
Sou farfalhar de voo macio
Planta aos pés do ouvido um arrepio

Águas correntes – Fios tonalizados de crepúsculo
BeijoTe a superfície da água de cabelos escuros

Argila não se molda à mão
Uma atmosfera distante
Percorrida no trotar do trovão
Clarões noturnos insones
_ Bolhas de sabão

BeijoTe o calor das mãos
o desenrolar do antebraço
o soluço do cotovelo
a nascente do peito

Em uma febril sexta estação
redemoinhos das caldas do sono
borbulha etéreo
esse amor

EvaporaMe suores de desenhos
sedimenta o alto céu
de sementes brancas

Meus lábios despetalam-se
voam bico de beija-flor

BeijoTe de amor
Canto em quatro vozes do rouxinol do coração

Dessa febre convulsa
Nascente as salivas te ofertam presentes
vinho de úvula
acidulante de poeira de lua

BeijoTe frescor hortelã em folha
as esculturas torneadas
que sustentam seu olhar

Repouso a curva à beira do abismo
dos desenhos sinuosos
o amendoar desse círculo brilhante
que traga a fumaça do meu amar

BeijoTe espelho d'água – submirjo
_ encontro os reflexos fossilizados
_ no âmbar de mim mesma

BeijoTe nas imagens que te farei enxergar

Aninho o pé com as mãos
Levo um pulsar
Boca nas pontas macias do dedo
_ irão tocar o pisar
_ andar dos dias e a represa de sentimento

Minhas mãos aninham
esse corpo de flor
sorrisos de brilho
dos matizes desse calor

BeijoTe
Penetro o jardim secreto
de grama japonesa *marsala*
Um canteiro em ferradura
nascem lírios brancos
da espuma das salivas
Uma coroa de copos-de-leite
plantada em hálito moreno de café

BeijoTe e transmuto as cores
A uva rubi macera vinho
metamorfose dos mares
esse encontro de labaredas
de líquidos de comunhão

BeijoTe Transpasso o chão
presa em labirinto

das cordas vocais do violão
neste licor me embriago de ilusão

Nessa abóbada celeste
constelação de flores
os desenhos de tormenta
se depuseram em pó de giz
no carinho da minha mão

e como eu amava Completamente
auscultava essas batidas
ritmadas no atabaque
abafado dentro do peito

E uma emoção serena
_ tão serena como esse crepuscular

BeijoTe meu amor
sem te enxergar
porque misteriosamente escuto
essa música sonhada do som
_ das suas palavras

BEIJOTE – VERSO DA FOLHA

NESTE POEMA FAÇO UMA ANALOGIA VISCERAL COM DIVERSOS SIMBOLISMOS QUE TRAÇAM AS LINHAS DESENHADAS NA NOITE, DAS ÂNSIAS, EU QUERIA QUE O TEXTO FOSSE SIMULTANEAMENTE COMPLETAMENTE DELICADO E EXPRIMISSE A VORACIDADE DA ÂNSIA. NO TEXTO AS REPRESENTAÇÕES VISAM IDENTIFICAR CADA

PARTE DO ROSTO, CORPO, DETALHES QUE O BEIJO TOCA. A MÚSICA REFERENCIA A MELODIOSA VOZ HUMANA, UM SOM CAPAZ DE DAR PERSONALIDADE E TOCAR COM SUA VIBRAÇÃO. EU FAÇO REFERÊNCIA À CERÂMICA, NA VERDADE É OBJETIVO DE UM OUTRO POEMA, MAS QUE DÁ A IMPRESSÃO CORRETA DO PRESSIONAR DA PELE EM SEU QUERER. AS TEMPESTADES NOTURNAS SÃO PARTE DA MESMA SINFONIA DESSE ATO, E COMO NÃO EXISTIRIA UMA ESTAÇÃO CLIMÁTICA QUE PUDESSE REPRESENTAR O TIPO EXATO DESSE CALOR DELICADO, NEM MESMO O VERANICO, CITO UMA SEXTA ESTAÇÃO FAZENDO O PARALELO COM SEXTO SENTIDO, DADO QUE ESTOU FALANDO EM TERMOS IMATERIAIS.

O DESEJO DE ESTAR ACIMA DE TODO ESSE MUNDO, SER COMO UMA POEIRA DE LEITE, E O DESPETALAR, DEMONSTRA O ENVIO DESSE GESTO. SEJA NO VOO, SEJA NA LUZ DE UM RAIO, SEJA NA COR DA NUVEM, SEJA NO TOM DO CÉU, DE DIA OU DE NOITE.

CERTA PARTE DO POEMA, ELE SE CENTRA À BOCA, EM SEU INTERIOR, REPRESENTANDO O ATO COMO UMA COMUNHÃO ENTRE AS PESSOAS, DOS SENTIMENTOS REPRESENTADOS NOS ELEMENTOS DE UM JARDIM, TANTO PARA AS PARTES COMO O SENTIDO.

E NESSE DEVANEIO O ABISMO ME ENVOLVE EM SEU LIMITE MÁXIMO.

HÁ O BEIJO RELACIONADO AOS OLHOS, AO OLHAR, A APRECIAÇÃO DA VIDA, E A IMERSÃO DAS ALMAS ENVOLVIDAS NESSE TOCAR COMPLETAMENTE ETÉREO.

O BEIJO SE TRANSPÕE AOS MEMBROS, FAZENDO-SE EXISTIR NO TOQUE DO CARINHO.

E QUE NÃO ENXERGA SÃO OLHOS FECHADOS, MAS TAMBÉM TODO UNIVERSO EXISTENTE PARA DENTRO DESSA PORTA, E TUDO QUE SE SENTE ACABA CONSTITUÍDO DE UMA VERDADE REAL INTERNA.

Angostura

|27 Fevereiro 2018 19:59 H | Música: So lost in your love – Gary B, Embers – Max Richter | Caderno verde de estudos

Um sentir que sente
detém sentimento
em cada pedra dormente
Um sentimento nascido
do tocar da sua mão
vibra as vogais do vocábulo
num frasco guardado

Pedras atiradas tangenciam o lago
Lago formado das águas do anseio
perfumado vertente do seu coração

Sentimento de alma de sangue
Sedimento da calma do mangue

Independe, de repente
Rompe a margem da superfície
Irrompe com eclodir da água
Respingos vão acima para decantar
Sorrisos ao chão

Sentir que senti
o elixir que menti
procedimento docemente

no amor-tecido em fios
penteados do brilho puro
vibra vibra orgasmo na mandíbula
no abraço apertado

Pedras atiradas andam sobre a água
Perfumam todos os véus de seda
Dormem na língua dos seios
Esse amor Angostura paixão

Um sentir
as ácidas salivas vazias
o pescoço em cachecol de gelo
Batimento descompassado
Da pausa da ausência
A parada cardíaca dessa hora
Por favor, não leva seu sorriso
_ embora

Um sentir que tente
fazer o amor ao sentimento
em cada momento sonolento
Amor nascido
nos tufos de algodão
Vibra vibra a pulsação
nesta escada, eu com a mão no
_ corrimão

Pernas estiradas no tocar da mão

Pedras que me acertaram em cheio

Ao amor proibido
_ no braseiro de carvão

Rebento na palma distante
Gotas de Angostura
asfixia que morde o gosto
um sentir sentimento
desparcerado
olhares desesperados tangenciam
o amor acontecido
naqueles fios d'água
gotejante do seu cabelo

Se o sentimento soubesse o seu nome
que impróprio seria?

Amor utópico

|1 MARÇO 18 23:37 MÚSICA: DAS LEICHESTEST DER WEIT - SIBERMUND

Luz de vento da montanha
Metamorfose de sal n'água
Boca de chocolate que nunca derrete
Dedos entrelaçados
Tranças desprendidas

Sobrevoo de um peixe azul
Olhos de gato
Fios da seda
Beijo mortal
um fogo girassol de manhã

Amor utópico
Telescópico
Castor e Pólux
verdejam espadas
no tapete árabe
cravejado de esmeraldas

Discussão de maritacas
O cometa secando no varal
me come como
manjar na noite
com calda de romã

Amor utópico
ilusão de ótica
Ondas ultravioletas
Cantiga de flores
Fogos de artifício
feitos de
dentes-de-leão
Corpo chocolate derretido
desmaiado nos braços de um afã

Amor utópico
morre no sono
renasce de manhã

Flores caídas

07 Março 18. 15:20 |- No caminho, encontrei jasmim-manga e Bougainvíllea branca, a última flor da planta. A imagem poética de uma túnica dessa flor de primavera, frágil, como uma roupa de papel a se rasgar para a união imaterial, existente no pensamento.

Guardei em mim
Flores caídas
roupa de pétalas costuradas
só para rasgar
na nudez quando você me amar

Folhas de outono
para cobrir um tapete
leito de paixão
somente
para fragmentar com a
voracidade que não
para de transbordar

Não são mortas
São adornos esquecidos
Anjos hermafroditas caídos

Não são húmus

Somos *adsumus*[2]
de presente alma e corpos
que se fundem
se confundem
camuflados em segredo
nos cofres das grutas
no cálido anélito
a adornar como uma aliança
invisível no dedo

Flores caídas recolhidas
antes que o vento de outono
resfrie os corações

[2] *adsum, ades, adesse, adfui/affui* – Lat. – Estar perto, junto; estar presente; defender; favorecer, ser útil a; participar. Na primeira pessoa do plural, presente do indicativo.

Tocar da Fragrância Ametista

|09 MARÇO 18. 21 A 22:47H CADERNO AZUL DE COURO

[ILLUSTRATIO 8]

"mais deliciosos que o vinho

são teus amores e o odor de teus perfumes

excede o de todos os aromas" – Cântico dos Cânticos

Uma chuva que não havia
o chiado de cotovia
restos da purpurina em meus lábios
a madrugada quase fria
das primeiras luzes
Nunca é igual a hoje
somente cores da melancolia
levei os desenhos rosa
desenhos como nunca desenhados
esboços coloridos púrpura que minhas mãos
não podiam
muito tempo o desenho desenhado
nas primeiras notas da fragrância
    Um perfume que vinha
    exalava por detrás da minha íris
    as pétalas inúmeras
    de cores das nuances daquele
    daquele amanhecer
    de um dia qualquer
Aquele momento assonado
doce de almíscar amadeirado
e preciosas gotas de brilho
de um brilho intenso
que esqueceu véu petrificado branco
esqueceu o pranto e o manto

Vestindo essa burca
tingida rosa-chá
o que sobrou das milhares de pétalas
das flores búlgaras orvalhadas
mordidas da sua boca
cada uma com um teor
gotejado de uma retorta

[ILLUSTRATIO 9]

preciosamente aguardado neste frasco

Hoje
Podia ser diferente
Ametista é meus óculos de coração
O que sinto está solto nesta névoa
    último voo da coruja
    da coruja de Madagascar

Há sempre a mudança evidente
que na curva do rio há outra água
não nascente
Não sei o que (me) acordou
Se as mãos vestidas de luva *grapefruit*
Se houve um spray
no esmagar da pétala entre dedos e unhas
dedos das mãos voadoras
fechadas transportam sumo das nossas bocas

Chuva sorvia rosa chá
campo florido despetalado
    Vento assoprou
    tudo caído
Uma carruagem imitava Salomão
Tigres imitavam Bacchus
Na ira do impossível amor
as sinas da ira
a fé em Diana
Ametista não petrificada

queria embebedar do ar
purpúreo derramado
com o caminhar sorrateiro
de deuses fugidios do inferno
das destilarias úmidas
das ânsias desvairadas
um bafo frio
que aos meus olhos
desenhava em giz pastel
o contorno das cabeças
o movimento ocorrido
inimaginável nos sétimos céus
e últimas ondas gama

Ouço você, é na chuva seca
do ar aspirado em meu diafragma?
É na calma do magma apagado
no cigarro amassado?

Ouço e quase sei o sabor
nas últimas notas da fragrância
em partes de Heliotrópios
e uma recordação amadeirada
seria Pau-rosa?

Eu possuía um naco desse aroma
de coração partido
essa lasca que amigo me trouxe do Pará
seria a nota secreta do perfumista?

As mãos ametista me tocaram
ainda viva, ainda vestal
amor de Bacchus, que o destino
petrificou, assim contava
a canção poética de Rémi Belleau
Uma intrincada fábula, ironias do destino
e capricho dos deuses, regada ao vinho
translúcido sem embriaguez

Hoje amanheceu, durante meu sono
eu cantava a cantilena simples
do meu desespero
fragrância me abraçava, me cingia
sentia todo o floral decantado
numa pele fria

Todo aquele ar pairado
a cólera do tempo me enlouquecia
Vestia apenas este perfume
Olhando a chuva que nem existia

Esperando propagar a sensação tocada
Desse olhar violeta, búlgaro
secreto, almiscarado
completamente transformador
que transcendia toda distância
depositava-se em mim
sob forma do seu amor

me transmutava em flor

de todo jardim

"Sur L'Amethyste encor de frayeur pallissante
Qui depuis en vertu de ce germe divin
N'eut le visage teint que de couleur de vin
Violette, pourprine en memoire eternelle"
(...)
"De Gange au Sable D'or, les profundes valles,
et les coustaux voisins
retentirent au son
vivement animez de sa triste chanson" – Rémi Belleau

Tocar da Fragrância Ametista – Verso da Folha

TEXTO PAR PARA A FRAGRÂNCIA VERDE JADE, ESTE PROPRIAMENTE BASEADO NA FRAGRÂNCIA AMETISTA, PERFUME FLORAL, AMADEIRADO, ALMISCARADO, NOTAS GRAPEFRUIT ROSA, NOTAS VERDES, NOTAS DE CORAÇÃO ÍRIS E ROSA BÚLGARA, NOTA DE FUNDO AMADEIRADA E HELIOTRÓPIO, PLANTA COMUMENTE CONHECIDA COMO GIRASSOL ASSINADA PELO PERFUMISTA ALBERTO MORILLAS.

A FRAGRÂNCIA QUE SUA LINHA SIMBOLIZA TUDO, NESTA GEMA, HÁ O SENTIDO DE MUDANÇA, UMA TRANSMUTAÇÃO DE SENTIMENTO, UM AVOLUMAR, ASCENDÊNCIA ESPIRITUAL, JUSTAMENTE DESTA FASE, COM TANTAS IMPREGNAÇÕES, AO MESMO TEMPO NOVOS AFLORAMENTOS. SE CONCRETIZA EM CALMA, EM LUZ, DE COR DO AMANHECER QUE FOTOGRAFEI A AURORA, EM SUA DELICADEZA E FEMINILIDADE.

O DESENHO REFERE-SE AOS ROSTOS ROSAS, EM ESBOÇO. O TEXTO SIGNIFICA PARA MIM, ESSA PRESENÇA IMATERIAL OLFATIVA, QUE ESTÁ SEMPRE PRESENTE AO AMANHECER, NESTAS NUANCES DE RAIAR DO SOL, QUE DESENHA POR MIM O SENTIMENTO FORTE, PERMANENTE, TRANSFORMADOR, CONTRAPONDO O ÉBRIO AO LÚCIDO.

A FÁBULA MENCIONADA, REFERE-SE AO POEMA DO LIVRO "LES AMOURS ET NOVEAUX ESCHANGES DES PIERRES PRÉCIEUSES – RÉMI BELLEAU – L'AMETHYSTE", QUE CONTA QUE BACCHUS, OFENDIDO, DESIGNOU SEU TIGRE DA CARRUAGEM A MATAR A PRIMEIRA PESSOA QUE VISSE, MAS A NINFA AMETISTA, QUE SE DIRIGIA A FAZER SUAS PRECES À DIANA, RECEBE SUA PROTEÇÃO, MAS BACCHUS AMAVA AMETISTA, E ESTA É PETRIFICADA EM ALVURA AO RECEBER O CASTIGO DE BACCHUS, QUE TRAÍDO PELOS DEUSES FICA DESOLADO, ENTÃO BACCHUS DERRAMA VINHO EM LIBAÇÃO NA NINFA

PETRIFICADA E ELA SE TORNA VIOLETA, SE TORNA UMA PEDRA AMETISTA. AMETISTA SIGNIFICA NÃO EMBRIAGADO, DEVIDO A NINFA TER SE OPOSTO A BACCHUS.

" Moite va ressuyant son visage pourprin" – A UMIDADE É SUGADA DE SEU ROSTO PURPÚREO (TRADUÇÃO NÃO FIDEDIGNA)

OS TRECHOS PODEM SER - A TRADUÇÃO NÃO É FIDEDIGNA, POIS TRATA-SE DE LIVRO MANUSCRITO EM UMA FORMA ANTIGA DO FRANCÊS, DIGITALIZADO, DE 1576, UM ANO ANTES DA MORTE DE RÉMI, SEU AUTOR, CORTESMENTE CEDIDO PELA BNF GALLICA – BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE:

" *Ainda em padecimento de susto, que desde então, em virtude deste gesto divino, tinha o rosto tingido apenas com a cor do vinho. Violeta, púrpura em memória eterna".*

"(...)*Do Gange a areia dourada, os profundos vales e costas vizinhas caindo no som vivamente animado da triste música*". – RÉMI BELLEAU.

Estrela das Águas

|12 MAR 2018. 16:56. | CADERNO AZUL DE COURO - ANOTAÇÕES NO CADERNO DE BOLSO HERBÁRIO |MÚSICA: DAS LEICHESTESTE DER WELT – SILBERMOND

[ILLUSTRATIO 10]

Não afoguei, o que me cobria na noite
Poeira das estrelas, polens de deuses desta Zênite
Um murmúrio sagrado iluminado
Eu deitada senti, ouvi, mãos entrelaçadas em rizomas
nessa cama circular da Irupé
Sons guturais proferidos sem idioma
Navegava Navegava
sobre o pulso de artérias das seivas outonais
Sentia-me como homem Vitruviano
Dentro da copa da Vitória-régia
_ indo indo o rio embora
completamente viciada no aroma *apricot* do luar

Os espelhos da luz nos vidros de água
concretizavam as histórias desconhecidas de Jaci
Eu ignorava os saltos do Saci
apenas deitava sonhos em mãos dadas
com o firmamento
Mas leito de amor, a florada mordaz
Espadas embranquecidas das luzes da lua
Amor apaixonado se descuida afoito
Enfeitiçado da flor durante a madrugada
No dia seguinte vira presa
Infortúnio de causa, na cama de cetim verde
Flutuo na flauta assobiada terrífica
As chuvas que me açoitam
As brumas que me comam em sabres
das pétalas traiçoeiras
Feitas do olhar das marés que afogam Naiá
Lindos rostos adornavam bordado inglês
Cama de amor em leito de rio
Iluminado na flor que se avermelha
Sua fome obcecada de vitimar a paixão
Sua vingança pessoal
Deglute sua presa, eu
esse besouro desavisado
completamente perdido
no labirinto de pétalas
Dormindo como se fosse um ser Vitruviano
no disco verdejante
perdido navegando
os navegantes dessa paixão

Não afoguei, dormi de mãos dadas em rizomas
com os cabelos confundidos
e o olhar fundido no ocluso das águas
mananciais

Considerações Finais

[Illustratio 11]

Este livro foi escrito em mesma época que Cartas Proibidas, Cântico da Claridade do Céu Azul.

Tratava-se de um registro interno meu, como cartas que eu enterrasse para baixo da árvore e com ela renascessem.

São abordagens do sentimento que aflora, dentro de elementos da natureza.

Agora, já na revisão, terceira leitura, em janeiro de 2022 posso afirmar certamente, muitos poemas e textos, fizeram parte de movimento do processo criativo, dos livros: Sussurrar, Cântico da Claridade do céu azul, e *Conspectus* – no que tange a visão e fotografia, tanto quanto Confissões do absurdo – as loucuras descritas como razão. Algumas elaborações deram sequência, para aquilo que era imaterial, as preciosidades, e os sentidos. Foram alguns desses intensos momentos que deram um impulso substancial para um novo movimento. Houve a interligação com o desenho e afloramento para pintura, que depois tomou realmente o abarcar dos rostos e as silhuetas imaginárias permaneceram. Ainda, há claramente a incorporação no outro para viver o desejo, e isso deu muito o que escrever.

Illustratio

Ilustrações originais feitas por ©Mara Romaro 2020

Todos os direitos são reservados

[Illustratio 0] Coruja de Madagascar

[20181128 L014 Coruja Madagascar aq MA4]

[P IMG_2039] Foto preliminar.

Coruja de Madagascar – Aquarela

ILUSTRAÇÕES CAPITULARES

[Illustratio1]

[20170911 L010 Arv Caída M A4] [IMG_0378**]

Mogno Rio Negro e Solimões: - Árvore caída – lápis Brynzel – imagem IMG_0378** de Giovanna Romaro Fotografia

[Illustratio 2] – Dunas de Fogo

[2017 ArqF Dunas de Fogo sanguine E M A5][IMG_0396**]

Desenho em caderno feito em lápis sanguine – Conté, como esboço.

[Illustratio 3] Ilha do Lago

[20170720 L010 Ilha do lago M A5][IMG_0402**]

Desenho da ilha do lago e coqueiro em caderno, feito em lápis Mondeluz in loco.

[Illustratio 4] Abat-jour de folhas secas

[2018 L010 Abat-jour M A4][P IMG_1102]

Desenho do abajur em lápis sépia e sanguine, conté.

[Illustratio 5] Asas de Borboleta

[20170918 L010 Asas de Borboleta M A4][IMG_0377**]

Asas de Borboleta – giz pastel oleoso.

[Illustratio 6] Flamingo flamenco

[20180319 L010 Flamingo Flam M A4][IMG_0800*]

Flamingo Flamenco, gravura em nanquim e Ink.

[Illustratio 7] Sonho de beijo

[20180208 L010 Sonho perturbador MA4 E][IMG_0711]

Sonho de Beijo – Lápis e Mondeluz aquarelável. Esboço.

[Illustratio 8] Tocar da fragrância Ametista ilustração 1.

[P IMG 0793]

Rostos Rosa – Giz pastel

[Illustratio 9] Tocar de fragrância Ametista - ilustração 2

[20181128 L014 Coruja Madagascar giz MA4 E] [P IMG 1887]

Coruja de Madagascar em giz pastel oleoso.

[Illustratio 10] Estrela das águas

[20180327 L010 Estrela Aguas M A4] [P IMG_0832]

Estrela das águas desenho em lápis Mondeluz.

[Illustratio 11] Considerações finais

[20180128 L010 Autorretrato sob a árvore][IMG_7495]

Autorretrato sob a árvore do lago do Major, local onde fiz desenhos e composição de poemas. Neste dia, o desenho do Aloísio.

[ILLUSTRATIO FINAL]

[20220106 L000 SCHEMATISMUS PROMULGATIO SCRIPTIO MA5 A]

DESENHO DOS SELOS DE COMPLETUDE LITERÁRIA, EM FINEART LÁPIS, LÁPIS DE COR, AQUARELA MAIMERI TONS PASTEIS, AQUARELA WINSOR, AQUARELA DOWNEY, NANQUIM EM PAPEL CLAIREFONTAINE - GRAIN SATINÉ 100% ALGODÃO 300G PRENSADO A QUENTE.

OSSEUS – NIHIL (CONCEPÇÃO) MOMENTUM (CRIAÇÃO LITERÁRIA, AGLUTINAÇÃO DE CONCEITOS E IDEIAS DO MÉTODO ORBIS SATURNI)

CONSTRUCTO (ESCRITA, MANUSCRITO, PRIMEIRA CORREÇÃO)
ILLUSTRATIO (FASE DE ILUSTRAÇÃO, ELABORAÇÃO DE CAPA)
PERSPECTO (EDITORAÇÃO, REVISÕES COSTURA, LINEAR, GERAL PRELIMINAR, POSFÁCIO, BIBLIOGRAFIA, REFERÊNCIAS)

PROMPTUS (AO MENOS UMA REVISÃO GERAL COMPLETA)

DESENHO E AQUARELA, GRAVURA EM TRAÇOS DE ECOLINE OU NANQUIM, BICO DE PENA, LÁPIS E LAPISEIRA.

IMAGENS PRELIMINARES P, OU IMAGENS FOTOGRÁFICAS DE DEFINIÇÃO ** DE GIOVANNA ROMARO FOTOGRAFIA, PARA O ACERVO DE MARA ROMARO. COM AGRADECIMENTO.

Editorial

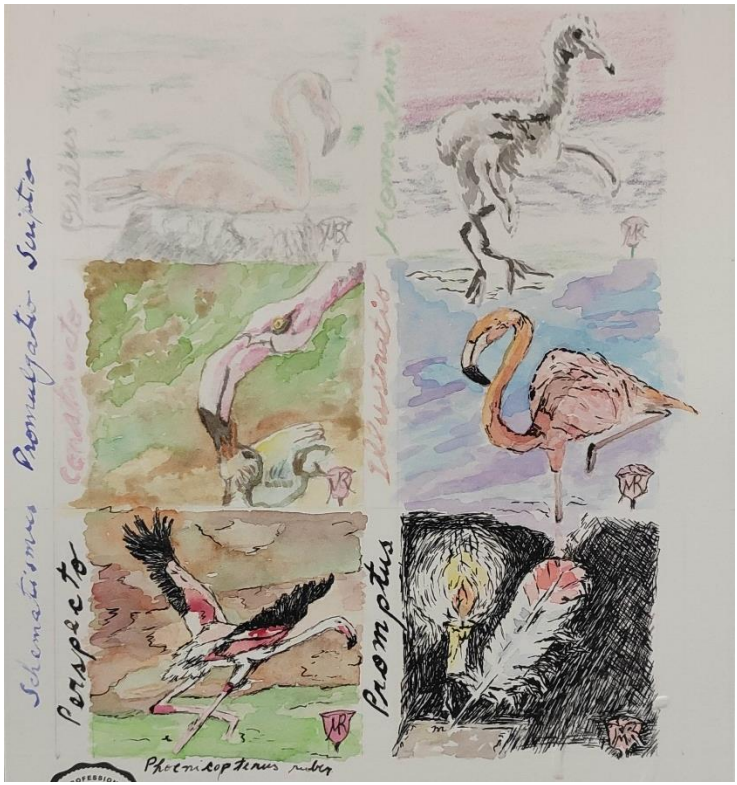
Versão V1 R04 06 jan 2023.

Anterior 13 jan 22 R3 EDT55 Comemorativa de 55 anos.

Finalizado Mar 2018.

Revisão: A autora.

Fontes: Letra normal Fritz Quadrata BT, Nome autora: 1979. Fontes (FrizQuadrada BT | Amphion | Abadi MT Condensed Light – frase primeira página)

© MARA ROMARO
Todos os direitos estão reservados

Escrito em março 2010 a março 2018
Por motivo extraordinário, versão digital EDT55.
V1 R04 – 06 janeiro 2023